

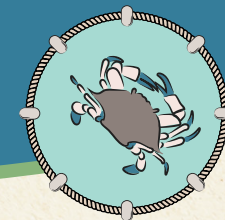


“Mais do que uma profissão,
um modo de vida.”

A pesca artesanal e tradicional no Sul
e Sudeste do Brasil e sua diversidade
de saberes e fazeres



CONFREM



Presidente da República
Luiz Inácio Lula da Silva

Ministério do Meio Ambiente e Mudança do Clima
Marina Silva

Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio)
Mauro Oliveira Pires

Diretoria de Pesquisa, Avaliação e Monitoramento da Biodiversidade (DIBIO)
Marcelo Marcelino de Oliveira

Centro Nacional de Pesquisa e Conservação da Sociobiodiversidade
Associada a Povos e Comunidades Tradicionais (CNPT)
Louiziane Gabrielle Souza Soeiro

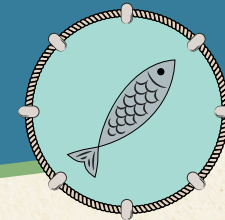


**“Mais do que uma profissão,
um modo de vida.”**

A pesca artesanal e tradicional no Sul
e Sudeste do Brasil e sua diversidade
de saberes e fazeres



Brasília/DF
2025



AUTORIA/DEPOIMENTOS:

Adnã das Dores “Didi” (Movimento dos Pescadores e Pescadoras Artesanais do Litoral do Paraná, MOPEAR)

Antônio de Oliveira “Juba” (pescador artesanal da Cigana, Laguna/SC)

Carmelina Custódio “Carmem” (MOPEAR)

Célia das Neves (Comissão Nacional de Fortalecimento das Reservas Extrativistas e Povos e Comunidades Tradicionais Extrativistas Costeiros e Marinhos, CONFREM)

Celina Silva (Articulação Nacional das Pescadoras, ANP)

Cláudio Nunes (MOPEAR)

Cleiton Prado (Associação Jovens da Juréia, AJJ)

Eliziane da Silveira “Liza” (Associação de Pescadores das Comunidades de Ibraquera e Garopaba, ASPECI)

Gilberto Ribas “Gil” (CONFREM)

João Baltazar da Silva “Dango” (Colônia de Pescadores Z-7 – Torres)

Jorge Cardoso (Articulação de Comunidades Tradicionais da Ilha do Cardoso)

Joyce Cardoso (Articulação de Comunidades Tradicionais da Ilha do Cardoso)

Jucemara Souza (Colônia de Pescadores Z-11 – Tavares)

Manoel dos Santos “Lelo” (Colônia de Pescadores Z-7 – Torres)

Maurício Dias (Movimento Território Nativo – Ilha do Mel)

Sofia de Mattos (Colônia de Pescadores Z-7 – Torres)

Sandro Garcias (Fórum de Pescadores e Pescadoras Artesanais das Baías Norte e Sul de Florianópolis, FPBF)

Tatiana Cardoso (Articulação de Comunidades Tradicionais da Ilha do Cardoso)

Valter das Chagas (Associação dos Pescadores Artesanais do Campeche)

COORDENAÇÃO:

Erika Ikemoto (Centro Nacional de Pesquisa e Conservação da Sociobiodiversidade Associada a Povos e Comunidades Tradicionais do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, CNPT/ICMBio)

Janina Huk Schamberg (Consultora)

Kênia Maria de Oliveira Valadares (CNPT/ICMBio)

Hugo Juliano Hermógenes da Silva (Consultor)

Gilberto Ribas “Gil” (CONFREM)

Maria Aparecida Ferreira “Cidinha” (CONFREM)

CAPTAÇÃO DE IMAGENS:

Fernanda do Canto, Flora Neves, Leonardo Fontenelle Brasileiro, Robson de Paula Reginato e Thyago Bezerra Melo e Silva

IMAGENS CEDIDAS:

Acervo CNPT/ICMBio, Acervo Parque Nacional da Lagoa do Peixe/ICMBio, Acervo Refúgio de Vida Silvestre da Ilha dos Lobos/ICMBio, Adnã das Dores “Didi” (MOPEAR), Allan Carneiro (AJJ), Antonio Mello (FPBF), Noeli Lima (Articulação de Comunidades Tradicionais da Ilha do Cardoso), Associação dos Pescadores Artesanais do Campeche, Célia das Neves (CONFREM), Celina Silva (ANP), Cláudio Nunes (MOPEAR), Cleiton Prado (AJJ), Eliziane da Silveira “Liza” (ASPECI), Felipe Rezende (Área de Proteção Ambiental da Baleia Franca/ICMBio), Gilmar Brum “Alemão” (Colônia de Pescadores Z-11 – Tavares), Jucemara Souza (Colônia de Pescadores Z-11 – Tavares), Maurício Dias (Movimento Território Nativo – Ilha do Mel) e Sandro Garcias (FPBF)

IMAGEM DE CAPA: Pesca da tainha, Ilha do Mel (PR), Maurício Dias

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO:

Fernanda do Canto (Tombô Produtora)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

“Mais do que uma profissão, um modo de vida”
[livro eletrônico] : a pesca artesanal e tradicional no Sul e Sudeste do Brasil e sua diversidade de saberes e fazeres / [coordenação Erika Ikemoto... [et al.]]. -- 1. ed. -- Brasília, DF : Instituto Chico Mendes - ICMBio, 2025.
PDF

Vários autores.

Outros coordenadores: Janina Huk Schamberg, Kênia Maria de Oliveira Valadares, Hugo Juliano Hermógenes da Silva, Gilberto Ribas, Maria Aparecida Ferreira.

Bibliografia.

ISBN 978-65-5693-152-4

1. Narrativas pessoais 2. Pescadores - Condições sociais 3. Pescadores - Histórias de vida 4. Pesca artesanal - Aspectos ambientais 5. Pesca artesanal - Aspectos econômicos 6. Unidades de conservação I. Ikemoto, Erika. II. Valadares, Kênia Maria de Oliveira. III. Silva, Hugo Juliano Hermógenes da. IV. Ribas, Gilberto. V. Ferreira, Maria Aparecida.

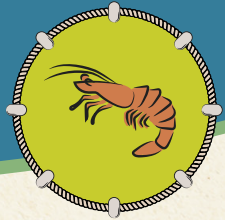
25-294804.1

CDD-920

Índices para catálogo sistemático:

1. Brasil : Pescadores : Histórias de vida 920
Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

SUMÁRIO



APRESENTAÇÃO 6

PARTE 1: IDENTIDADE 9

“Eu sou...” 10

O que é pertencer a um território?..... 14

Bicho do mato, por Cleiton Prado17

PARTE 2: SABERES E SABORES 19

Saberes do Ser Pescadora e Pescador20

*“A gente foi criado assim, no peixe. Peixe assado,
peixe frito, peixe ensopado...”22*

“Escuta só...”26

PARTE 3: RESISTÊNCIA29

“Na terra ou no mar, nós vamos lutar!”30

Ilha do Cardoso, por Tatiana Cardoso40

“CADA LUGAR TEM UMA PRONÚNCIA” ..42

UMA HISTÓRIA PUXA A OUTRA.....48

APRESENTAÇÃO

Este Caderno nasce como um dos frutos do subprojeto “Integra Pesca Artesanal Sul – Comunidades Costeiras e Unidades de Conservação” (2020-2024). Coordenado pela Comissão Nacional de Fortalecimento das Reservas Extrativistas e Povos e Comunidades Tradicionais Extrativistas Costeiros e Marinheiros (**CONFREM**) e pelo Centro Nacional de Pesquisa e Conservação da Sociobiodiversidade Associada a Povos e Comunidades Tradicionais (**CNPT/ICMBio**) no âmbito do Projeto Áreas Marinhas e Costeiras Protegidas (**GEF Mar**), o subprojeto buscou contribuir para o fortalecimento e integração regional de lideranças da pesca artesanal e caiçaras e para a qualificação da participação desses atores na gestão das unidades de conservação (UC) da região.

O subprojeto se fez possível pelo trabalho conjunto de organizações que representam povos e comunidades tradicionais de territórios e maretórios que possuem interface com UC, onde atuam servidores do ICMBio que também colaboraram com esse trabalho de forma muito importante. Esses povos e comunidades também se relacionam, em nível estadual, com o Parque Estadual da Ilha do Mel (PR), Parque Estadual Ilha do Cardoso (SP) e Estação Ecológica de Juréia-Itatins (SP).

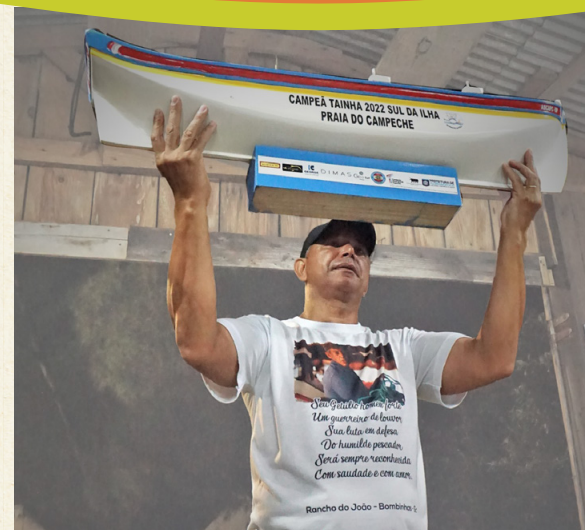
Os encontros promovidos pelo Projeto renderam trocas e aprendizados. Neste material, apresentamos uma seleção de relatos colhidos nesses encontros e seus desdobramentos, buscando contribuir para uma maior visibilidade e valorização dos modos de ser e viver de pescadoras, pescadores e caiçaras da região, bem como para o reconhecimento dos direitos desses povos e comunidades tradicionais.

Entre esses encontros, destacamos: as reuniões do Comitê de Acompanhamento do Projeto, a Oficina Virtual de Formação para Comunicação nas Mídias Sociais, o Curso de Gestão Socioambiental Territorial do Sul do Brasil (GSA), realizado em Tubarão/SC, e o I Intercâmbio de Experiências Comunitárias do Projeto, abrangendo territórios da pesca artesanal tradicional e caiçaras em SC, PR e SP.



Curso GSA Territorial do Sul do Brasil





Parte 1: IDENTIDADE

A partir do canto superior esquerdo:

1) Pesca de currico ou linha de mão, Grajaúna (SP); 2) Lagoa do Camacho (SC); 3) Praia do Campeche, Florianópolis (SC); 4) Pesca da pescada-amarela,

Baías Norte e Sul de Florianópolis (SC); 5) Casa de farinha, Praia do Una (SP); 6) Fandango caiçara, Grajaúna (SP); 7) Monitoramento do camarão-rosa, Lagoa do Peixe (RS); 8) Pesca do cerco-fixo, Ilha do Superagui (PR).



*“O remo é a extensão do pescador, a gente se **sente parte** daquilo ali, quando se tira alguma coisa, a gente se sente como se tirasse uma parte de nós.”*

Sandro Garcias,
Fórum de Pescadores e
Pescadoras Artesanais das Baías
Norte e Sul de Florianópolis (SC)



*“A pesca não se limita a tirar a embiara da água. Envolve um **sistema**, desde as roupas usadas, os petrechos, como são produzidos, a prática das puçangas pra tirar a panema, todos os cuidados com a embarcação, utensílios afins até o preparo do alimento, partilha e comercialização!”*

*“Homens e mulheres são pescadores indo ou não pisar na maré. A minha identidade até onde ela vai sou eu que tenho que dizer. Eu sou **povo, comunidade tradicional**.”*

Célia Neves,
CONFREM



A pesca tradicional é o primeiro modo de pesca, onde **não precisava vender**. A partir da pesca artesanal, profissional, é que vêm as legislações. O pescador tradicional não se engloba nesse meio, que é o meio de ganhar dinheiro. Essa pesca tradicional hoje em dia é criminalizada. Se o pescador tradicional não tem a carteira de pescador, não pode pescar em lugar nenhum. Só que não existe carteira pra uma pessoa que pesca tradicionalmente porque é da sua cultura, e não da sua profissão, pescar. A pesca é um dos detalhes do modo de vida. Meu modo de vida é a cultura caiçara. Aí se engloba a pesca tradicional.”

Cleiton Prado,
Associação Jovens da Juréia (SP)

“Ser pescadores artesanais é muito mais que uma profissão, é um modo de vida!”

É tu crescer numa atividade que é a tua raiz. Que tu vê teus familiares fazendo, que foi passada para eles por outros. *É uma arte, é cultura, é tradição, é preservar as raízes.* É também dali que a gente tira a dignidade do nosso sustento, mas não se resume a isso.”



Jucemara Souza,
Colônia de Pescadores Z-11 - Tavares (RS)



Jucemara criança e seu avô,
José dos Santos (em memória). ♥

“Eu resisto muito a essa questão de **liderança**. Todas as atividades que a gente desenvolve dentro da comunidade é para que todos tenham o mesmo conhecimento. Mas ele é um **processo meio sem volta**. Cada vez que você vem num encontro como esse, ou que você conhece mais o seu território, se apropria mais das questões, cada vez mais você vai se envolvendo.



Ser **mulher** na sociedade já é meio difícil. A maneira que a gente descobriu de se manter no nosso território, é nos empoderando e fazendo trabalhos coletivos de gestão feminina. Nossa associação é composta só por mulheres. Nosso trabalho de geração de renda é de forma coletiva, de economia solidária, tanto o peixe seco, como turismo comunitário. Então isso faz com que a gente vá ganhando mais visibilidade dentro da comunidade. Ele é um processo de construção. É muito se posicionar como mulher forte. Então ser mulher enfrenta todos esses desafios. Você sair do seu território. Deixar filho. E você vivenciar a pesca. Sabendo que você vai fazer uma atividade que tem um esforço físico grande, tem a questão da saúde dentro do nosso território. A pesca, para as mulheres, nos machuca muito. Não é um processo fácil, mas que é preciso.”

Joyce Cardoso,
Articulação de Comunidades
Tradicionais da Ilha do Cardoso (SP)



Pesca da tainha,
arrasto de praia, Ilha
do Cardoso (SP)



No processo de elaboração deste Caderno, foi possível perceber a diversidade de entendimentos sobre as expressões “*pesca artesanal*” e “*pesca tradicional*” ou de sua combinação em “*pesca artesanal tradicional*”. Ao longo da publicação, buscou-se apresentar o uso diferenciado dessas expressões por territórios ou pessoas. De todo o modo, os relatos das pescadoras e pescadores, aqui referenciados, sobre suas identidades se alinham à noção de *povos e comunidades tradicionais*.

A Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais (Decreto 6.040/2007) reconhece que esses são “*grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição*”. Há uma grande diversidade de povos e comunidades tradicionais que pescam no Brasil, que se identificam como pescadoras e pescadores artesanais, caiçaras, açorianos, marisqueiras, ribeirinhos, jangadeiros, entre outros.

Veja mais depoimentos na videoaula
sobre Identidade do Curso de Gestão
Socioambiental Territorial do Sul do Brasil.



O que é pertencer a um território?

Assim como o ser pescadora e pescador, caiçara, extrativista inclui a dimensão profissional e vai além, o território inclui a provisão do sustento, moradia e muito mais. Vamos conhecer um pouco sobre a relação especial desses povos e comunidades com o território, com a natureza.

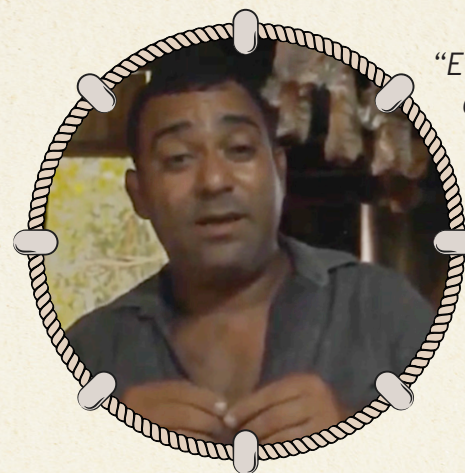
“Esse território é meu território pesqueiro. Não me pergunta se eu pesco aqui, ou pesco ali, ou pesco cá, ou pesco lá. Neste território, onde tem água, onde tem peixe, eu vou atrás. Se me perguntar hoje: ‘Sandro, tu pesca pescada-amarela?’ Pesco. ‘Tu não pescou este ano.’ Por que eu não pesquei este ano? Porque eu fui restringido. Mas eu pesco. Não quer dizer que daqui a 5, 6 anos eu não vou pescar ela novamente.

Tem cara que chega para mim: ‘Onde tu pega robalo de linha aqui?’ Em todo esse território. ‘Mas onde, onde, onde?’ Não existe isso. As Baías Norte e Sul são território pesqueiro da pesca artesanal. Nós não temos um ponto definido. Depende da temperatura da água, depende do vento que está, da lua que está. Então definir o teu local específico de pesca, é Baía Norte e Baía Sul. É aqui que a gente pesca.”

Sandro Garcias,
Fórum de Pescadores e Pescadoras Artesanais
das Baías Norte e Sul de Florianópolis (SC)



Ensinando a fazer
gerival, Baías Norte e
Sul de Florianópolis (SC)



“Eu tenho a pesca como costume, como tradição. Vou na praia, vou na pedra tirar marisco, tiro a pegoava da praia, o marisco branco, tatuíra pra pesca. O caiçara vive assim!”

Cleiton Prado,
Associação Jovens da Juréia
(SP)

“O nosso território não é onde a gente mora, como muita gente tá pensando, ‘o território é a minha comunidade’. Não!

O nosso território é onde a gente faz uso dentro do trabalho, do dia a dia. Nós, aqui no Sul, reconhecemos todo o território. Tanto no mar quanto na terra, ele é conhecido como território.”



Claudio Nunes,
MOPEAR (PR)



Assembleia do MOPEAR,
comunidade Barbados (PR)

“A vida caiçara é muito diferente da cidade, a vida no território é muito ligada à natureza, à maré, à Lua.

O nosso tempo não é o mesmo. Estar dentro do território é muito essa vivência dos costumes e a vivência muito conectada com a natureza, então isso faz com que a gente crie uma outra concepção do que é aquele ambiente que a gente vive.”

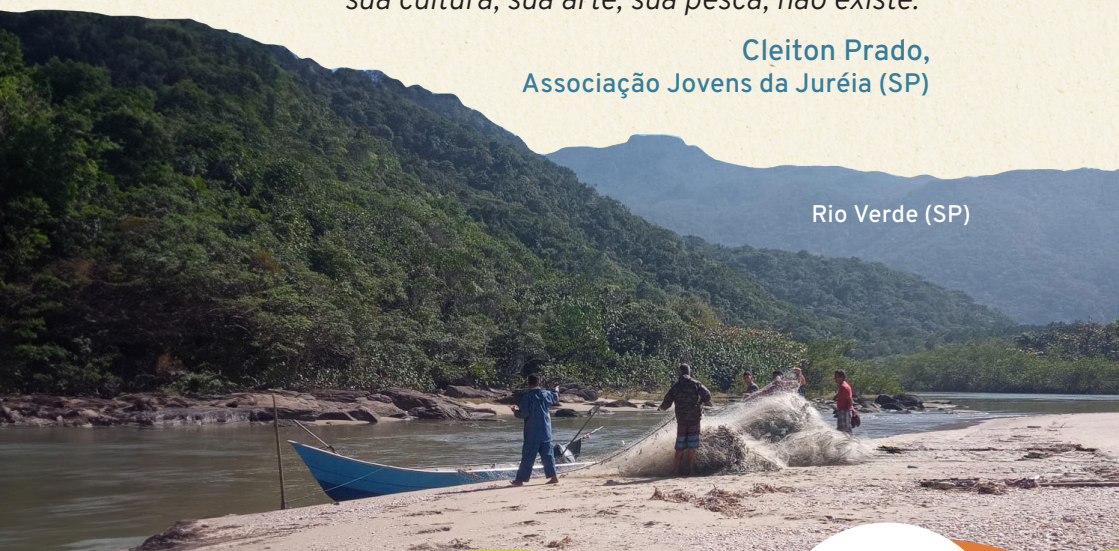
Joyce Cardoso,
Articulação de Comunidades Tradicionais da Ilha do Cardoso (SP)



*“O que mais importa para a gente é todo o território. É por isso que a gente vem lutando. As instituições [governamentais] separam a cultura do modo de vida, a cultura da arte, a cultura do território. Aí a gente não vai conseguir compreender a situação, nem as instituições vão conseguir conversar. Não pensa no caiçara como indivíduo e a sua cultura, e depois seu território. Pensa no território e depois no resto. **Se não existir território, não existe nada disso, não existe o caiçara, não existe o modo de vida, sua cultura, sua arte, sua pesca, não existe.”***

Cleiton Prado,
Associação Jovens da Juréia (SP)

Rio Verde (SP)

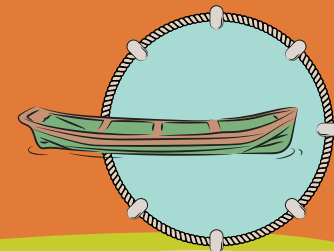


Veja mais depoimentos sobre o vínculo da pesca artesanal com o território neste vídeo:



BICHO DO MATO

escrito por Cleiton Prado



A cor vermelha do sol
e da poeira da estrada
A roupa encharcada
do orvalho da mata molhada
Acostumado a viver lá
no meio do nada

Sou bicho do mato
Sou caiçara nato

Sou parte dessa natureza
que me rodeia
Sou sombra do mato
na terra que a lua clareia
E a planta que nasce viçosa
na roça de “à meia”

Eu sou desse chão
Da lua, clarão
Eu sou o sertão,
E meu coração do ser caiçara

Eu sou a força
dos guias espirituais
Saberes da nossa Mãe Terra
e dos meus ancestrais
Eu creio nos deuses pagãos
e nos credos tribais

Sou homem do mar
Filho de lemanjá

Nas nuvens que cobrem o céu
eu vejo o destino
No tempo eu traço os caminhos
do meu desatino
E o vento me sopra as palavras
que vêm do divino

A fé ao além
O axé o amém
É o que mantém
O ser caiçara



Parte 2: SABERES E SABORES



A partir do canto superior esquerdo:

1) e 2) Beneficiamento de tainhota e camarão da Lagoa do Camacho (SC);
3) Lagoa do Peixe (RS); 4) Baías Norte e Sul de Florianópolis (SC);

5) Raspando mandioca, Praia do Una (SP); 6) Pesca da tainha (arrasto de praia), Ilha do Mel (PR); 7) Robalo de criação, Camacho (SC).

Saberes do Ser Pescadora e Pescador

A partir da relação ancestral com os territórios, com a natureza, os saberes e os sabores de pescadoras e pescadores são (re)construídos, vivenciados e compartilhados. Nas próximas páginas, somos apresentados com uma pequena amostra da memória viva sobre mares e marés, ventos, temperos; sobre espécies pesqueiras e outros 'seres'.

"A gente que é pescador não vai trabalhar à toa, né? A gente sai atrás do cardume, vê onde o peixe está. Cada peixe tem um jeito de **aparecer na superfície**. O parati espana, a tainha salta, o robalo bate o rabo, e a manjuba pisca, parece gotinha de chuva."

Jorge Cardoso,
Articulação de Comunidades
Tradicionais da Ilha do Cardoso (SP)



"Na tarrafa, o siri é muito ruim de tu despescar. Quando **quebrava a garra do siri**, o pai dizia: 'Agora nós vamos ter que aproveitar ele, porque até crescer a garra dele de novo, ele não vai se alimentar e ele não se alimentando, ele não fica gordo, não adianta de nada'."

João Baltazar da Silva "Dango",
Colônia de Pescadores Z-7 – Torres (RS)

"Em Santa Catarina, existe a tradicional pescaria de **pegada**, para o camarão. O camarão a gente pesca com a tarrafa na RESEX Pirajubaé, tinha um local ali que o pessoal ia lá com o pé e fazia uns buraquinhos, quando a maré estava seca. Quando a maré enchia, o camarão ficava naqueles buraquinhos e o pessoal passava a tarrafa."

Sandro Garcias,
Fórum dos Pescadores e Pescadoras
Artesanais das Baías Norte e Sul de
Florianópolis (SC)



"A **quadra de peixe** se refere à pescaria no mar, costeira. Ao invés de falar que está dando pesca, nós falamos que está dando quadra. Por exemplo, as águas estão tocando de quadrante nordeste, e aí está bom para rede de peixe, aí a gente vai lá e coloca a rede no mar. E vamos supor que aquele vento quadrante vai durar dois, três, quatro dias. Então a gente chama de quadra, quadra de peixe, quadra de camarão. Quando a gente faz a pescaria enquanto a água está tocando para aquele quadrante, seja para sul, norte, ou nordeste. A partir do momento que virou as águas, aí antes de virar, o certo é ir lá tirar as redes porque senão enrola, torce. Aí a gente espera a próxima."

Às vezes o fato do vento estar virado tanto para norte ou para sul, tem que saber também se o mar está em condições. Porque às vezes o mar toca de nordeste, mas as redes não saem porque é pouca força. Ou é força demais. Então mesmo a gente tendo o mar aqui na frente de casa, o ano inteiro, não é sempre que tem a pescaria. Porque daí a **gente depende totalmente da natureza. Das condições do mar, do vento, força da água, ou a não força. Faz parte de um todo, para a gente conseguir fazer essa pescaria no mar.**"

Jucemara Souza,
Colônia de Pescadores Z-11 – Tavares (RS)



Assista a outros relatos sobre os saberes da pesca neste vídeo:

A I Feira da Pesca Artesanal de Laguna/SC promoveu a valorização dos saberes tradicionais apresentando artes de pesca da lagoa e do mar, além de produtos pesqueiros, gastronomia, artesanato e manifestações artísticas desses povos. A sua realização esteve entre as ações do subprojeto 'Diagnóstico e automonitoramento da pesca artesanal: subsídios para a cadeia produtiva de pescado', executado pela Área de Proteção Ambiental (APA) da Baleia Franca junto a comunidades pesqueiras no sul da APA, no âmbito do Projeto GEF Mar.



Campeonato de descarte de siri

“A gente foi criado assim, no peixe. Peixe assado, peixe frito, peixe ensopado...”

TAINHA ASSADA DO SUPERAGUI

Tem vários jeitos de fazer tainha assada! Claudio tem suas formas tradicionais de preparo:

- **Tainha espalmada:** Primeiro passo é escamar, limpar e alinhar a barriga, para pegar bem o tempero. O temperado tradicional é bastante cebola, alho e sal a gosto. Coloca o temperado sobre a tainha de forma que entre nos lenhos e deixa assar até a carne ficar molinha.
- **Tainha recheada:** Retira a escamas. Faz um preparado de bastante cebola bem picadinha, tomate, alho, pimentão, o que mais quiser de tempero, coloca azeite, pra soltar e deixar oleoso o tempero, coloca sal a gosto. Faz bastante tempero. Abre o peixe pela costa, limpa bem e preenche dentro do peixe com tempero, embala no papel alumínio, quando já estiver cozido retira o papel pra dourar ela.

Claudio Nunes,
MOPEAR (PR)



Tainha assada do
Superagui (PR)



PEIXE SECO DA ENSEADA DA BALEIA

Com uma faca afiada, degalha, tira a escama e a cabeça, escala o peixe [retirada da guelra] e abre por trás [parte de cima] para retirar toda a barriga. Depois lava esse peixe, e coloca na salmoura. O tempo que fica na salmoura depende do peixe. O **parati** fica um dia na salmoura, depois lava para tirar o excesso de sal e coloca no sol sobre o tear para secar. Ele fica o dia inteiro, no final da tarde recolhe o peixe, guarda e no dia seguinte faz o mesmo processo. Isso demora de um a dois dias, dependendo do dia de sol. Um peixe maior, como uma **tainha**, o tempo de salmoura varia de um a dois dias, e o tempo de sol também varia de dois a três, conforme o tempo.

A **moela** não tem valor comercial. Mas da tainha, a gente sempre dá um jeito de tirar todas as moelas, porque a gente consome ela cozida tanto com batata, com chuchu, come ela frita, ou faz farofa, ou cozinha ela e depois fica comendo como um petisco, então isso não se joga fora.



Joyce Cardoso,
Articulação de Comunidades
Tradicionais da Ilha do
Cardoso (SP)



Secagem do parati escalado e aberto e da espada em postas (pedaços), comunidade Enseada da Baleia, Ilha do Cardoso (SP)

BOLINHO DE ANCHOVA DA LIZA

Ingredientes:

- 6 filés médios de anchova;
- 1 cebola picada bem pequeno;
- 8 folhas de cebolinha verde picadas miúdo;
- 3 colheres de sopa de salsinha picada;
- 1 xícara de farinha de rosca;
- 6 ovos;
- 4 xícaras de farinha de trigo;
- 2 colheres de sopa de óleo de soja;
- Sal e tempero a gosto;
- 2 tomates bem picados;
- Meio pimentão amarelo ou vermelho bem picado.

MODO DE PREPARO

Ferva os filés de anchova por cerca de 15 min.

Escorra a água e coloque para esfriar.

Em uma bacia, coloque a cebola picada, o tomate, a cebolinha, salsa, o pimentão, e misture bem.

Os filés estando frios, desfie com uma colher, e coloque na mistura dos temperos. Misture bem o peixe com os temperos, e vai colocando o resto dos ingredientes. Coloque 2 ovos, 1 xícara de farinha de rosca, e 2 xícaras de farinha de trigo, vai misturando, e por último coloque o sal e a salsinha.

Deve ficar grudando na mão.

Em uma vasilha coloque farinha de rosca, vai fazendo bolinhos e passe na farinha de rosca. Se preferir, pode passar no ovo e mais uma vez na farinha de rosca.

Coloque numa panela o óleo e frite bem devagar.

Pode congelar.

Total de 15 a 20 bolinhos.

Fica muito bom!

Eliziane da Silveira “Liza”,
Associação de Pescadores das Comunidades de Ibiraquera e Garopaba (SC)



Bolinho de anchova

Ingredientes:
6 Filé de anchova (médio)
1 cebola picada bem pequeno ou pedacinhos
8 Folhas de cebolinha verde picada (miúdo)
3 colheres de sopa de salsinha picadinha.
1 Pacote de Farinha de rosca. (4 xícaras)
6 ovos.
4 xícaras de Farinha de Trigo
2 colheres de óleo de Soja
Sal e tempero a gosto
2 tomates bem picados
1/2 de um pimentão amarelo ou Vermelho

MODO DE PREPARO:
Em uma panela coloque o filé das anchovas para ferver mais ou menos de 10 a 15 minutos. Depois de cozido escorra a água e coloque para esfriar.
Em uma bacia coloque a cebola picada o tomate a cebolinha a salsa o pimentão misture bem.
Os filés estando frios desfie com uma colher e coloque na mistura dos temperos. Misture o peixe bem com os temperos e vai colocando o resto dos ingredientes. Coloque 2 ovos 1 xícara de farinha de rosca e 2 xícaras de farinha de trigo vai misturando por último coloque o sal e o salsinha.
Deve ficar grudando na mão.
Em uma vasilha coloque farinha de rosca e vai fazendo bolinhos e passa na farinha de rosca. (Se preferir pode passar no ovo e mais uma vez na farinha de rosca)
Coloque em uma panela o óleo e frite bem devagar. pode congelar.
Total de bolinhos 15 a 20 bolinhos.
Fica muito Bom!

PIRÃO DE TAINHOTA DA CELINA

Esse pirão, gosto mesmo de fazer com a tainhota. Bota na panela cebola, cebolinha, alho, orégano, alfavaca, essas coisas que tem tudo plantadinho no quintal. Dou uma cozinhada, não deixo o tempero lourar, amarelar. Quando está bem cozidinho, coloco um pouquinho de água e os filés ali dentro, rapidinho ele cozinha. Eu vejo o tanto de pirão que eu quero fazer, já tem o salzinho, daí eu acrescento mais um pouco d'água. Aí em outra vasilha, pego a farinha de mandioca e faço um mingauzinho na água fria (porque se eu botar direto vai embolar) e depois eu despejo no filé com o caldo, mexo e dá aquele pirão gostoso.

A mãe fazia o caldo e do caldo fazia o pirão. A mãe gostava de uma tainha bem gordinha para dar mais sabor. Quando a tainha estava cozida, tirava aquela tainha, porque o peixe estava só cozido, cozido não tem tanto sabor, acabava aquele peixe se perdendo. Assim, **fazendo o filé, ele vai ficar ali junto,** não tem osso, não tem nada, daí ele é mais aproveitável.

A gente foi criado assim, no peixe. Peixe assado, peixe frito, peixe ensopado...

Celina Silva,
Articulação Nacional das Pescadoras



Bobó de camarão

A promoção de encontros de pescadoras para a reflexão sobre o papel da mulher na pesca e para a troca de receitas e saberes tradicionais esteve entre as ações do subprojeto “Multiplicando protetores do mar”, executado pelo Refúgio da Vida Silvestre (REVIS) da Ilha dos Lobos/ICMBio junto a pescadoras(es) artesanais, educadoras(es), estudantes e sociedade em geral de Torres (RS) e Passo de Torres (SC), no âmbito do Projeto GEF Mar. Esse subprojeto buscou sensibilizar e informar esses atores acerca da importância da biodiversidade e do REVIS.

“Escuta só...”



“Diz a lenda que a sereia saía do mar com sua beleza, deitava numa pedra na frente da gruta [das Encantadas]. Ela cantava e encantava os marinheiros e pescadores que passavam por ali, ela atraía para dentro da água e sumia com eles! **Só eu fui 157 vezes**, graças a Deus eu consegui voltar.”

Maurício Dias,
Movimento Território Nativo –
Ilha do Mel (PR)

“Nós temos o vigia, e o vigia fica lá em cima da duna [vigiando se passa cardume]. E... o vigia fica longe do mar, da canoa. Tinha quatro vigias lá no ranchinho nas dunas. E entre o vigia e a canoa ficava o capote porque ficava longe pra avisar. Daí esse intermediário aqui... fazia o contato: ‘ó... os vigias lá mandaram a canoa cercar [o cardume de peixe]’.

Aí escuta só... numa daquelas apareceu um cavalo, lá em cima perto do vigia... e o cavalo começou a correr. E o capote viu o cavalo lá e abanou: ‘**peessoal toca a canoa**’ [risos], ‘toca a canoa que tão abanando’... mas era o cavalo...

Ah, o pessoal entrou na canoa e toca, toca... e lá no mar, pessoal na canoa: ‘cadê, mas onde é que tá o peixe?...’, e nada do peixe... Aí vieram embora... aí [o capote] era meu tio, seu Mané Querido...

- Vocês não abanaram lá?

- Não, seu Mané Querido, era o cavalo que tava lá...

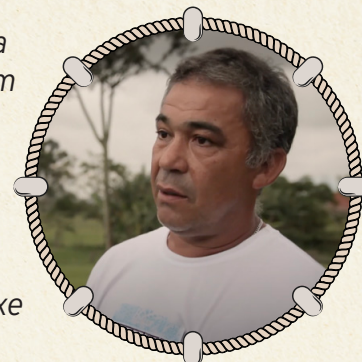
Cara... esse meu tio nunca mais apareceu na praia... porque ficou envergonhado né...”

Valter das Chagas,
Associação dos Pescadores Artesanais do Campeche (SC)



“A gente ia pra Mostardas (RS) pra ficar 4 dias, a comida e o gelo eram levados pra esse tempo. Existia uma estrada ruim lá e era viajado pela praia, isso 36 anos atrás, eu tinha 18 anos. O mar engrossou e a gente teve que ficar 9 dias. O gelo faltou e a gente perdeu o peixe todo. **Fome o pescador não passa, mas passa trabalho.** A gente chegou a comer marisco frito no fogo no chão porque nosso gás tinha terminado. Pra achar uma casa, tu andava 10, 15km combro acima. A gente achou esse senhor produtor de cebola, trocou uns peixes por meio saco de cebola e um pedaço de salame, ele não tinha mais nada. Graças a Deus, deu tudo certo, o mar baixou e a gente veio embora...”

João Baltazar da Silva “Dango”,
Colônia de Pescadores Z-7 – Torres (RS)



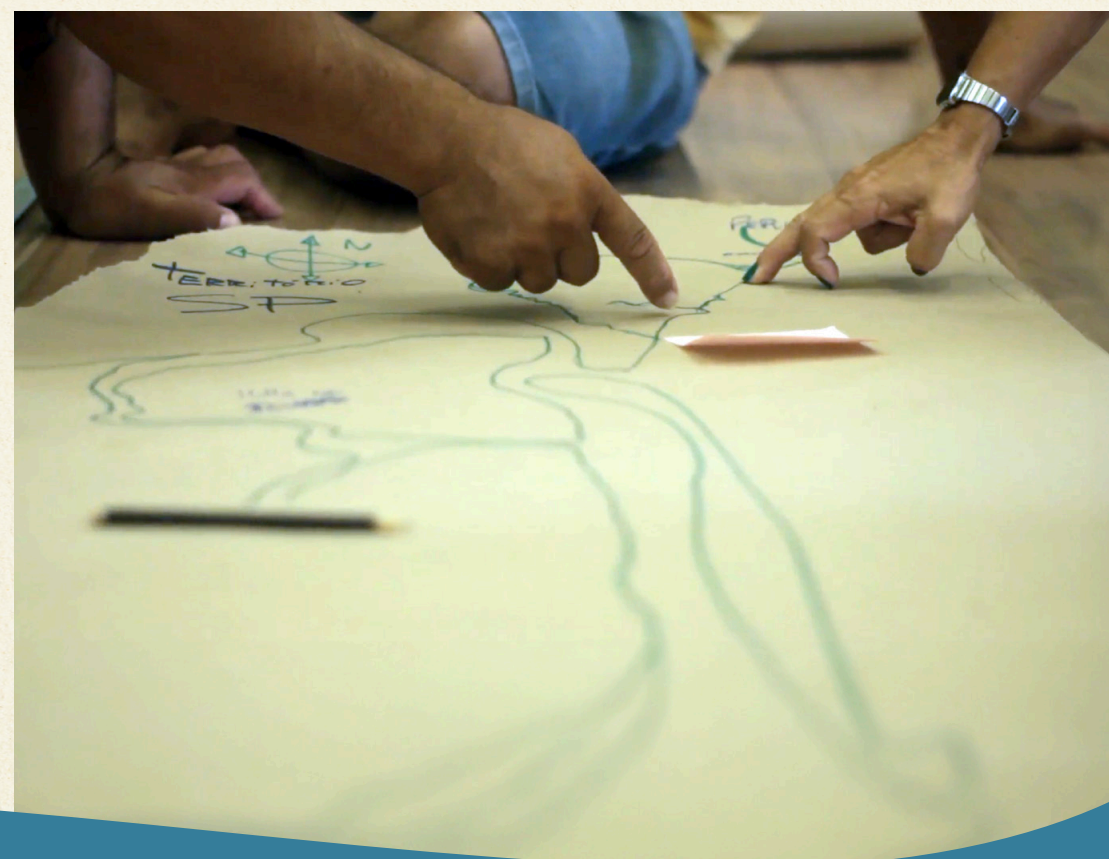
“No inverno, temporal, passemos trabalho. Navio aí fora, nós na linha do navio, o barco quebrado, ancorado. Nós ter que **queimar colchão, pneu**. Daí subia lá em cima do mastro, botava um cobertor molhado no óleo diesel dentro daquele pneu, **para o navio olhar de longe**, para ele desviar da gente, se não ele botava nós para o fundo. Então é um troço que o mar não se brinca. Eu estou com 62 anos, trabalhei quase 38 anos no mar...”

Manoel dos Santos “Lelo”,
Colônia de Pescadores Z-7 – Torres (RS)

“Um pescador caiu a 5km da costa, a 30km ao sul, num dia de inverno de um mar de leste, e veio parar na nossa praia. Ele estava **quase cego e em hipotermia**, e nós acolhemos ele, dei banho, botei roupa. Ele não queria comer, só tomou um café com limão. Nós ligamos pros bombeiros, que vieram e resgataram. Ele era do Paraná. No outro dia passou um barco e levou ele pra casa.”

Sofia de Mattos,
Colônia de Pescadores Z-7 – Torres (RS)





Parte 3: RESISTÊNCIA

“Na terra ou no mar, nós vamos lutar!”

São muitas as belezas dos povos e comunidades tradicionais costeiros e marinhos! Também são muitas as ameaças a esse modo de vida associado à natureza e aos ciclos naturais. Conheça mais algumas histórias de luta pela garantia de seus territórios e modos de vida. Começemos com as palavras de Gil, sobre a atuação da CONFREM na região Sul.

“Santa Catarina (SC) é um estado bastante difícil porque a maioria das unidades de conservação (UC), sejam área de proteção ambiental (APA), reserva extrativista (RESEX) ou de proteção integral, são em **zonas urbanas**. Existem vários conflitos, vários interesses, e nas UC não é diferente.

Antes de eu entrar na **CONFREM**, aqui em SC, já tinha uma atuação com a Cidinha, na APA da Baleia Franca, e o Fabrício, na RESEX de Pirajubaé, a 1ª RESEX marinha decretada no país. Quando fui participar de um curso aqui em Florianópolis em 2007, foi quando tive um primeiro contato com Cidinha e a gente começou a conversar. Logo depois, veio o **PAN Manguezal*** e o nosso contato foi aumentando entre eu, Cidinha e Fabrício. E ela falava muito da CONFREM, que eu deveria ir para a CONFREM. E quando teve a assembleia nacional no Pará em 2014, a gente definiu os representantes da CONFREM nos estados, os coordenadores estaduais. Eu e Cidinha resolvemos compartilhar essa coordenação para tentar dividir um pouco as tarefas.

A partir daí, a gente começou a discutir algumas ações. No PAN Manguezal, nas reuniões que a gente fazia, nos seminários. A gente está tentando desenvolver alguns projetos. Já trouxemos o GEF Mar para cá. Um componente específico para **integração regional**. A gente já está interligado no RS e no PR também. E é dessa forma que a CONFREM/SC vem agindo. A nossa atuação é sempre incisiva, política também, e a gente tenta trazer para o estado a melhoria para a pesca artesanal e compartilhando saberes e fazeres com as UC. Os gestores das UC precisam ouvir mais as comunidades que utilizam daqueles recursos naquelas áreas. Para a gente tentar fazer uma gestão que beneficie tanto as UC e a população em geral, quanto os pescadores artesanais, os povos e comunidades tradicionais.”

Gilberto Ribas “Gil”,
CONFREM

* Plano de Ação Nacional para a Conservação das Espécies Ameaçadas e de Importância Socioeconômica do Ecossistema Manguezal.

Cláudio e Didi nos contam sobre o papel do MOPEAR na manutenção da prática tradicional do cerco-fixo na Ilha do Superagui, na Ilha das Peças (PR) e região.

“Para tirar esse material do cerco, tem que tirar do mato, Tem que ser da terra. Como no nosso território foi criado um Parque Nacional [do Superagui], nós não podia entrar para tirar a madeira e a taquara.”

Cláudio Nunes,
MOPEAR (PR)

“Para normatizar o uso do cerco-fixo, a gente preparou toda a documentação, os pescadores mesmos fizeram o acordo. Nós tivemos que fazer o **enfrentamento**, tivemos que enfrentar a polícia para não cortar o cerco, virou uma guerra. Logo em seguida, nós fomos buscar na lei, não está na **Portaria IBAMA 12/2003***. A gente teve que estudar a lei, fazer um curso de direito de 3 anos e chegar nesse entendimento. E a gente fez toda a minuta do documento, entregamos pro ICMBio. Hoje está saindo nosso termo de compromisso! Foram 2 anos fazendo nosso acordo, e mais 3 anos fazendo o enfrentamento, 3 anos fazendo cerco para a pesquisa. Para nós foi um fato histórico na região, foi muitos enfrentamentos para chegar onde chegamos.

Tem outro termo de compromisso que precisa ser feito, para a pesca do irico, junto ao ICMBio que hoje está lá, parceiro. A gente discute, mas **hoje a gente senta e toma café junto**, coisa que não acontecia há 5 anos atrás.”

Adnã das Chagas “Didi”,
MOPEAR (PR)

* Portaria IBAMA 12/2003. Dispõe sobre a pesca profissional nas áreas estuarinas e lagunares do Estado do Paraná, e especifica as modalidades ou petrechos.

Comunidade Tibicanga (PR)

Saiba mais sobre a história da CONFREM e do MOPEAR aqui:



Sandro relata a formação do Fórum dos Pescadores e Pescadoras Artesanais das Baías Norte e Sul de Florianópolis. Em meados de 2006, foi reiniciada a reforma da ponte Hercílio Luz. Das 11 famílias que residiam logo abaixo da ponte, apenas a família de Sandro era ligada à pesca. Devido à reforma, houve a articulação por parte do governo estadual para indenização e retirada das famílias do local. Algumas das famílias não ligadas à pesca aceitaram a remoção, mas a família de Sandro não.

“Quando chegou em nós, eu e minha esposa dissemos não! A gente quer ter nosso direito de permanecer no território, porque nossa vida está aqui, é aqui que a gente quer ficar, é aqui que a gente tem direito de ficar.

O que paga a tua história?! O que paga o teu conhecimento? Quando tiram nós da beira da maré, eles estão tirando todo aquele conhecimento, tudo aquilo ali que não vai ser repassado novamente. Que se a gente não tiver ali, tu não tem como passar pra um filho teu, tu não tem como manter. Isso aí é bem típico do próprio capitalismo. Aí, como nós vivemos numa área urbana que tem muitos empregos, eles dizem assim: “Mas vocês podem arrumar outro emprego!” Não, a gente não quer emprego, a gente quer manter nosso modo de ser, de viver, de agir, que é isso aí que nos dá alegria, que a gente gosta de viver.”

Sandro começou a buscar os argumentos, entrou para a luta social para buscar conhecimento. Percebeu que a história se repetia.

“Daí eu fui percebendo que não é só com nós que acontecia isso, que é geral na região. Que não é só as nossas comunidades que estavam sendo tiradas por uma reforma, eram outras comunidades que estavam sendo tiradas por uma beira-mar que ia sair, por uma marina que iam construir. E eu tava vendo que aquele povo tava sendo escoraçado aos poucos e outras pessoas tavam ocupando aquele espaço. Por que me tirar daqui e outro ocupar meu espaço, que não tem nada a ver com aquilo ali?!”

Isso tudo despertou uma vontade de se organizar e resistir. Começou a dialogar com os pescadores, buscando incentivá-los no sentido da união e luta pelos direitos. Em um evento em Florianópolis, encontrou com Roberta Aguiar, analista ambiental do CEPSUL, que

sugeriu a criação de um fórum. Aí entendeu que fórum é local de organização e debate, buscou apoio e orientação dos movimentos sociais (Conselho Pastoral dos Pescadores - CPP, Movimento de Pescadores e Pescadoras Artesanais - MPP e CONFREM), e estruturou o Fórum das Baías Norte e Sul de Florianópolis.

“O Fórum hoje conta com a participação de 5 municípios com pescadores que participam, e dentro da primeira assembleia no dia 05 de janeiro de 2023, a gente colocou ali quais as nossas demandas, o que está acontecendo com nós agora, e o que está vindo que a gente acha que vai causar prejuízo, como construção da marina, balizamento, transporte aquaviário, emissário submarino, dragagem, turismo. Tem também a Instrução Normativa número 12, a [Portaria] 445*.

A gente tá trazendo todas essas demandas para dentro do Fórum, conversando com as comunidades. Sobre a IN 12, o que a gente vai fazer: a UNIVALI faz o monitoramento pesqueiro, por conta do Pré-Sal, é uma condicionante da Petrobras, eles já vêm fazendo há 6 anos com nós. Daí, dentro do Fórum a gente fez um ofício, mandamos para a UNIVALI pedindo a caracterização da pesca de emalhe ali dentro das Baías Nortes e Sul, é o primeiro ponto. Agora nós vamos esperar a caracterização e vamos ver o que fazer com a caracterização. Se vai entrar com uma representação no Ministério Público Federal, ou se vai fazer uma manifestação.”

Sandro Garcias,

Fórum de Pescadores e Pescadoras Artesanais das Baías Norte e Sul de Florianópolis (SC)

* Instrução Normativa IBAMA 12/2012. Ordenamento da pesca com redes de emalhe nas regiões Sudeste e Sul.

Portaria MMA 445/2014. Peixes e invertebrados aquáticos da fauna brasileira ameaçados de extinção.



A pesca artesanal e a ponte Hercílio Luz (SC)

A história de resistência da comunidade da Enseada da Baleia tem muitos capítulos... Um dos destaques dessa história, trazida por Joyce, é o protagonismo feminino.

“O primeiro projeto foi esse de 2015, com o Instituto Socioambiental. A dinâmica, além de você valorizar o seu território, era realmente você escrever um projeto a partir de um sonho da comunidade. A gente já trabalhava com artesanato, fazia a mesma **trama da rede de pesca**, só que com fio de crochê, de barbante, de bordado. Só que a gente convivia diariamente com o impacto, as redes na praia, via os bichos morrendo, várias vezes tirava tartaruga. Então nosso sonho foi que a gente começasse a olhar para esses materiais e começasse a incorporar ele no nosso grupo. Então a gente escreve o projeto junto com a comunidade, junto com o grupo das mulheres, ganhamos o recurso e desenvolvemos 15 peças, entre vestuário e utensílios, e fizemos toda uma apresentação em Cananéia para trazer um pouco desses impactos, trazer a importância da rede de não ser jogada no mar.”

“A partir daí, a gente fez projetos para continuar o trabalho das mulheres. Dar cursos, capacitações, do estado de SP, PROAC. Fizemos um projeto do **resgate do peixe seco**, minha comunidade trabalha com peixe seco desde 1845. A gente teve a perda do meu vô em 2010, que era uma liderança, e a partir dali a gente ficou um tempo sem trabalhar o peixe seco. Então quando a gente retorna com o grupo das mulheres em 2011, alguns anos depois a gente viu que dava para voltar com o peixe seco. Mas não como o meu vô fazia. Já numa gestão feminina. Onde as mulheres iam comprar o peixe dos companheiros, dos pescadores do entorno e fazer todo o processamento. Ele trouxe que a gente conseguisse comprar uma embarcação para a comunidade, uma voadeira pequena. Porque a gente mora longe da cidade.”

Comunidade da Enseada da Baleia, Ilha do Cardoso (SP), após realocação. Ao fundo, Canal do Arapirã.

Um período crítico dessa história envolveu o processo erosivo que culminou, em 2018, na abertura de uma nova barra no ponto onde a comunidade vivia.

“Fizemos o projeto da **realocação** da comunidade para o novo território, que foi o mais difícil e o que demorou muito mais. Começamos do zero, então teve todo um trabalho de mutirão para limpeza, construção das casas, das moradias. Como captar esse recurso para a construção, como fazer viver essa comunidade novamente. A gente precisou do apoio da Defensoria e do Ministério [Públicos], conseguimos ser a primeira comunidade do estado de São Paulo a realocar para dentro de uma unidade de conservação. Porque a ideia inicial era que a gente fosse expulso do nosso território [sobreposto pelo Parque Estadual da Ilha do Cardoso]. A gente não aceitou, permaneceu, resistiu.

Junto com ele, a gente fez um projeto pela Caixa Econômica Federal para a criação da nossa **estufa de peixe seco**. Porque como a gente trabalha com peixe seco ao sol, quando se fazia mau tempo a gente não conseguia desenvolver a atividade. E junto com ela, a gente fez a implementação de um módulo de tratamento de **esgoto ecológico**. Os homens da nossa comunidade saíram para fazer um intercâmbio na praia do Sono (Paraty/RJ), trouxeram a experiência, a gente modificou com a nossa realidade, com nosso solo, e criamos o tratamento modelo teste. Hoje a gente está desenvolvendo um projeto, um recurso de fora do país para fazer o nosso **Centro Cultural e Comunitário Erci Malaquias**, que leva o nome da minha avó. E dentro desse Centro a gente vai poder fazer atividades da gestão feminina, que é o turismo de base comunitária e também fazer reuniões, encontros. Um espaço de troca.”

Joyce Cardoso,

Articulação de Comunidades Tradicionais da Ilha do Cardoso (SP)

Limpeza do parati para secagem



Jucemara resgata a mobilização para a continuidade da pesca artesanal do camarão-rosa com aviãozinho na Lagoa do Peixe (RS).

“O pescador, por natureza, é **forte, resiliente, resistente**. Ele não desiste fácil e tem muita fé e esperança de que o amanhã sempre vai ser melhor. Seja na vida, seja na pesca.

O Parque Nacional da Lagoa do Peixe se sobrepõe ao território tradicional pesqueiro há 37 anos atrás. Entre esse tempo, mais de 30 anos foi de resistência, de luta, de busca por aceitação e reconhecimento. Nós éramos vistos como um problema a ser resolvido. **Dentro de um território que sempre te pertenceu, que sempre fez parte da sua vida e da sua história**, isso causa muita tristeza. Situações que muitas vezes eram humilhantes, de não poder transmitir a sua tradição para as futuras gerações. Na época, era permitido [pescar no Parque] só quem era cadastrado, era uma autorização excepcional e provisória, renovada todo ano. Era dito assim: “não adianta você brigar para botar mais gente, se até os que estão, em algum momento vão ter que sair”.

Foi quando um pescador foi multado, com 4kg de camarão, no período em que a pesca estava liberada, em mais de 1000 reais. E isso gerou nos pescadores um basta, uma gota d'água. Os pescadores todos foram à frente do ICMBio, pacificamente, e teve uma reunião lá dentro. Logo em seguida, foi permitido que alguns filhos de pescadores pudessem pescar compartilhando a autorização do pai. Era a primeira vez que se teve uma abertura.

No ano seguinte, em 2019, veio uma comitiva do ICMBio explicar o que era o termo de compromisso, e pela primeira vez de uma forma mais ampla, escutar a comunidade e os pescadores. Começamos a conversar com o ICMBio, rever as regras e demandar coisas que muitos já não acreditavam que seria possível. A possibilidade dos filhos dos pescadores ganharem seu direito de pesca, de pescadores que não tiveram seu direito reconhecido lá atrás ter o seu direito reconhecido agora. Foram feitas várias reuniões nas comunidades, demandando a todo momento a necessidade da inclusão, do respeito, da compatibilização dos direitos. E questionando: **somos comunidade tradicional, por que até hoje não foi reconhecido o direito?**

E algo tão simples, que foi o reconhecimento dos pescadores como tradicionais, como detentores do direito, que mudou da água para o vinho a relação. Então se passou a ter um respeito

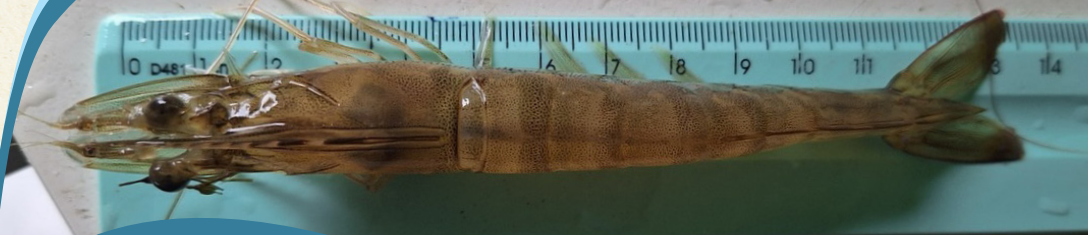
com o pescador, um diálogo mais aberto, o reconhecimento do pescador como parte importante do território. Algo simples, que poderia ter evitado tantas tristezas, apaziguou toda uma comunidade pesqueira de 2 municípios.

Nós não deveríamos estar em lados opostos. Porque **nosso objetivo é o mesmo**. Manter o nosso território preservado e manter as nossas tradições. Que seja um direito dos povos tradicionais permanecerem nos seus territórios, sejam eles sobrepostos por parques nacionais, ou qualquer outra categoria de unidade de conservação. **Que seja um direito, que não seja mais com prazo de validade.**”

Jucemara Souza,

Colônia de Pescadores Z-11 - Tavares (RS)

Monitoramento do camarão-rosa



No contexto desse termo de compromisso, a atualização do cadastro dos pescadores beneficiários e o monitoramento participativo do camarão-rosa foram realizados como parte das ações do subprojeto ‘Construindo uma parceria entre pescadores e o Parque Nacional (PARNA) da Lagoa do Peixe: desafios para uma nova etapa de gestão’, executado pelo PARNA junto aos pescadores beneficiários, no âmbito do Projeto GEF Mar.



Abertura da safra do camarão-rosa, Lagoa do Peixe (RS).

LINHA DO TEMPO DAS HISTÓRIAS DE RESISTÊNCIA

- 1962 Criação do Parque Estadual da Ilha do Cardoso (SP), em sobreposição a território pesqueiro tradicional.
- 1986 Criação do Parque Nacional da Lagoa do Peixe (RS), em sobreposição a território pesqueiro tradicional.
- 1989 Criação do Parque Nacional do Superagui (PR), em sobreposição a território pesqueiro tradicional.
- 2006 Retomada da reforma da ponte Hercílio Luz, ameaçando território da pesca artesanal, em Florianópolis (SC).
- 2007 Fortalecimento e ampliação de rede de lideranças da pesca artesanal de SC a partir do curso em gestão compartilhada do uso sustentável dos recursos pesqueiros, em Florianópolis/SC, parceria entre IBAMA e Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO).
- 2008 Nasce a CONFREM, a partir de reunião de lideranças de povos e comunidades tradicionais da zona costeiro-marinha de todo o país com o Ministro do Meio Ambiente, Carlos Minc, em Brasília/DF.
- Nasce o MOPEAR, a partir do I Encontro Estadual dos Povos e Comunidades Tradicionais, em Guarapuava (PR).
- 2010 Perda da liderança comunitária Malaquias. Produção tradicional de peixe seco é interrompida na comunidade Enseada da Baleia na Ilha do Cardoso (SP).
- 2011 Produção de peixe seco é retomada sobre novas bases: a gestão feminina.

- 2012 Publicação da Instrução Normativa 12/2012 do IBAMA, que ordena a pesca de emalhe nas regiões Sudeste e Sul, sem considerar especificidades locais.
- 2014 Definição dos coordenadores estaduais da CONFREM na I Assembleia Nacional dos Extrativistas Costeiros e Marinhos, em Belém/PA.
- 2017 Realocação autônoma da comunidade Enseada da Baleia, diante da iminência de abertura de uma nova barra onde a comunidade vivia.
- 2018 Manifestação pacífica de pescadoras e pescadores junto ao Parque Nacional da Lagoa do Peixe, em reação a uma ação de fiscalização considerada injusta.
- 2019 Assinatura do Termo de Compromisso, que compatibiliza o acesso, uso e manejo dos recursos naturais pelo pescador artesanal tradicional com os objetivos de criação do Parque Nacional da Lagoa do Peixe.
- 2021 Assinatura do Termo de Compromisso, que ordena a prática tradicional do cerco-fixado, de modo a conciliar e garantir os direitos dos pescadores artesanais e os direitos ambientais previstos pela consecução dos objetivos do Parque Nacional do Superagui.
- 2023 I Assembleia do Fórum de Pescadores e Pescadoras das Baías Norte e Sul de Florianópolis (SC).

ILHA DO CARDOSO

escrito por Tatiana Cardoso,
Articulação de Comunidades Tradicionais da Ilha do Cardoso (SP)

Nossa história foi escrita pelos nossos antepassados.
A lua, o vento, o tempo norteiam e limitam nosso viver
Para tirar a taquara do cerco,
A caixeta para artesanato e
Para os instrumentos do Fandango,
Para plantar a mandioca e
Ir ao mar pescar.
O povo de fora, sem saber a nossa história, nos rotularam
Como se tivessem a sabedoria da natureza
Do tempo...
Tempo de reprodução
Tempo de regeneração,
Tempo do caíçara.

Da terra, brotava a comida que alimentava
o povo e os animais da mata.
As clareiras das roças deixavam o sol entrar e
Alinhavam os mourões que usamos nos cercos.
E com a safra da tainha, vêm as festas e a fartura do peixe,
Do peixe seco, do azul marinho, da ova na brasa...
Cheiro do inverno,
Cheiro do mar,
Mar dos mistérios
Do respeito, da oração,
Do alimento e das comemorações.

A ganância vem de longe,
Vem nas luzes no mar que até parece cidade no horizonte,
Dos barcos grandes que pescam por dias fora,
E que deixam os rastros da destruição:
a morte dos filhotes dos peixes
Que se amontoam sem vida nas praias
e que temos que limpar em mutirão.
Vimos os peixes acabando,
O dia todo no mar a pescar, já não era suficiente.
Precisávamos ir mais longe, onde há mais riscos,
para alimentar a família,
Para seguirmos aqui, abrimos nossa casa para o turismo.

De repente, fomos vistos e querem nossa terra!
Para proteção da natureza, disseram que o ESTADO ia cuidar,
Transformaram tudo em Parque,
E disseram que não podíamos mais plantar!
Muitas famílias foram retiradas,

Deixando os registros, nos nomes dos rios
e nas memórias do nosso povo!
E assim foram regrando, podando, cansando
Nos fazendo desistir.
Tiraram as escolas,
Precarizaram o atendimento à saúde,
Tiraram nossos direitos,
Tentando nos restringir.

Ainda temos a erosão,
Reflexo das ações humanas
Que fazem o mar avançar sobre nossas casas,
Levando nossas histórias,
E seguem no ritmo de um tempo
que não conseguimos acompanhar.

Somos as memórias, conhecimentos de todos
que passaram por aqui,
Onze comunidades tradicionais
Vivendo ao seu modo,
Lutando para que aquele ESTADO
Que transforma tudo em negócio, terras, matas, águas, cultura,
Para que ele Pare!
Respeite!
Escute!
Enxergue!
Não como inimigos, somos protetores desse lugar!

Nossa esperança vem da força desse povo,
Que carrega as marcas, de quem sentiu, de quem viveu
E que sabe da importância disso tudo não acabar,
São dessas injustiças que fazem surgir à Articulação de
Comunidades Tradicionais da Ilha do Cardoso,
Um espaço onde temos a voz
Que busca reparar injustiças.
Mas não estamos sozinhos,
Temos uma rede de parceiros
Que reconhece o direito
De quem respeita nosso modo de vida,
De quem não quer deixar isso tudo acabar.

E juntos e juntas, defenderemos a nossa terra,
o nosso mar e a nossa vida,
Para que sejamos Nós a decidirmos nossos caminhos.



Arte de Tatiana Cardoso



ARRASTO DE PRAIA PARA A PESCA DA TAINHA: Prática utilizada na Praia Vermelha (Imbituba - SC), em Florianópolis (SC), na Ilha do Mel, na Ilha do Superagui e na Ilha das Peças (PR) e na Ilha do Cardoso (SP). “Um tanto de pessoas, vamos dizer que é 30, ficam segurando um pedaço da rede. Sai com a canoa, o cardume vem vindo, uns 300m fazendo o cerco. No outro lado também ficam umas 30 pessoas que vão puxar a outra ponta da rede. Prática do lanço, que é a puxada da rede, 30 minutos, 25 minutos, dependendo da quantidade de peixe que pega ali, 10.000 peixes, 8.000.” (Maurício Dias)



Assista aqui a uma demonstração:

AVIÃOZINHO: Rede em formato de funil, utilizada para a pesca do camarão-rosa na Lagoa do Peixe (RS) e no Complexo Lagunar de Santa Marta (SC). Em cada ponto de pesca, são dispostos até cinco aviõezinhos. “Forma uma estrela, 5 pontas. São todos centralizados num bambu, onde vai a bateria com a luz. O camarão vem atraído pela luz, bate no pano e vai escorregando vai pras caçapas, que é a armadilha.” (Antônio de Oliveira “Juba”, pescador artesanal da Cigana, Laguna/SC).



Assista aqui:

BAÍA (SC, PR, SP)/ MAR DE DENTRO (SP): Local de pesca estuarina.

CAÍCO (RS): Embarcação pequena a remo de madeira ou fibra.

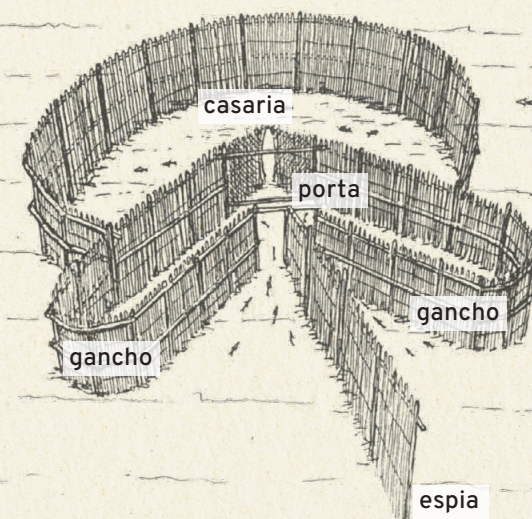
CANOA BORDADA DE UM PAU SÓ:

Canoa de madeira utilizada na pesca de arrasto de praia de tainha, confeccionada a partir de um único tronco escavado, com a adição de uma borda que aumenta a altura da canoa e evita a entrada de água. Em Santa Catarina, a preferência é pela espécie garapuvu.



Assista aqui:

CERCO-FIXO: Armadilha utilizada na pesca da tainha na Ilha do Superagui e na Ilha das Peças (PR) e na Ilha do Cardoso (SP). É feita de varas de madeira e hastes de taquara ou bambu fixadas ao leito do rio, ligadas entre si por um trançado de arame formando uma ‘parede’. “O peixe vai pelo mangue, pela costa, vai bater aqui na espia do cerco, entra e se arrodeia aqui nos ganchos, para daqui ir para a porta e entrar na casaria. E aí ele não consegue sair. Ele permanece até o dia de despescar” (Carmelina Custório “Carmem”, pescadora artesanal da comunidade Barbados/PR).



Adaptado de RAMOS, EB; GALLO, J; VERRONE, VMA. Áreas da região lagunar Cananéia-Iguape suscetíveis de exploração pesqueira segundo diversos tipos de tecnologia. I - Pesca com cerco-fixo. *Boletim do Instituto Oceanográfico de São Paulo*, 29(2): 329-335, 1980.

COMBRO (RS, SC, PR, SP): Duna.

CONSERTAR O PEIXE (SP): Limpar o peixe.

COVES/ COVO (SC)/ **GAIOLA/ PUÇÁ** (PR, SP):

Armadilha iscada, utilizada na pesca do siri, baiacu e outros peixes de água doce.

CRIANDO/ LEVANTANDO CARNEIRINHO (PR):

“Levantando as ondas.” (Cláudio Nunes)

EMBIARA (PA): “Mãe da Sorte; fortuna; produto da pescaria, da caçada, da colheita. O produto que a gente traz da pescaria é a minha embiara, a sorte, o meu peixe. A gente trata isso como muito sagrado, com muito respeito. E a gente partilha com a fraternidade, o direito de estar bem alimentado. E a gente não desconfia, porque quando desconfia, atrai a **PANEMA**, ou o azar.” (Célia das Neves).

EMBOCADO (PR, SP): Quando a canoa está quase afundando. Quando já afundou, se diz: ‘embocou de vez.’” (Adnã das Dores “Didi”)

FILÉ DE BROTA/ BRÓTIA (RS, SC)/ **MERLUZA** (RS, PR, SP): Filé de *Urophycis* sp.

GERIVAL: Rede de ‘arrasto’ (tarrafa adaptada) utilizada para a pesca de camarão no Complexo Lagunar de Santa Marta, nas Baías Norte e Sul de Florianópolis (SC), na Ilha do Superagui e na Ilha das Peças (PR) e na Ilha do Cardoso (SP). Parte da tralha trabalha elevada do fundo por uma trave. Na parte superior do gerival, um aro metálico mantém aberta a entrada da carapuça, onde o camarão fica aprisionado. Originalmente utilizado em barco a remo tracionado apenas pela força de maré, hoje é utilizado também com tração por barco motorizado ou manual desembarcado. Carece de regulamentação nesses territórios.



Assista aqui a um relato:



GOLFO DO MAR (SC, PR, SP): Áreas mais distantes da costa, de atuação da pesca industrial.

IR LÁ FORA/ IR PRA FORA (RS, SC, PR, SP): Sair para mar aberto.

IRICO, PESCA DO: Pesca de diferentes espécies de manjuba na Ilha do Superagui e na Ilha das Peças (PR) e na Ilha do Cardoso (SP), utilizando rede de filó de até 70m de comprimento, voltada para o mercado consumidor de produtos orientais. Duas a três pessoas numa embarcação fazem “o lanço, que é uma meia-lua, e traz para a beira da praia ou do manguezal. Como é uma malha muito fina, a rede fica muito pesada e ela não consegue ser uma rede muito grande. A gente tem 1 hora para trazer ele para a comunidade, que ele é um peixe muito pequenininho, muito sensível. Isso ajuda também a dizer que não é uma pesca predatória, porque a gente não consegue ficar o dia inteiro pescando. Então, a gente cozinha com sal e depois expõe no sol por 2 horas. Depois que ela está embalado, ela se torna o produto irico.” (Jorge Cardoso)



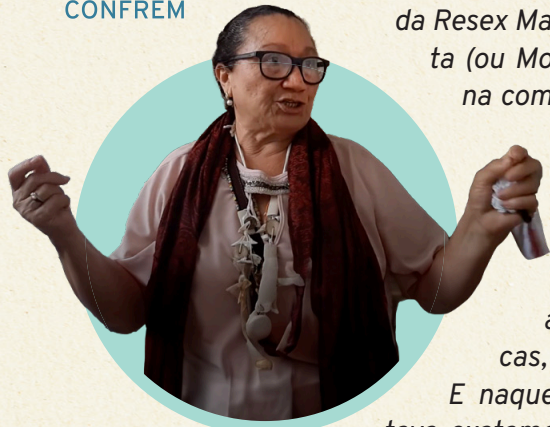
JAGIGO/ JAJIGO: 1. (SC, PR, SP) Amansar do mar após uma sequência de ondas maiores, que permite a saída das canoas na arrebentação. 2. (SP) Parada na chuva.

MAR GROSSO (RS, PR, SP)/ **REBOJO** (SC, PR, SP): Ressaca marítima. “Quando fica três, quatro dias de vento sul e maré alta. No final do rebojo, a gente fala que o mar engrossou” (Adnã das Dores “Didi”). “Vem o vento sul que engrossa o mar, que vem chuva. Às vezes demora uma lua para passar, e quando passa de dois dias após a segunda lua, demora 15 dias para passar” (Jorge Cardoso).

MARETÓRIO: Com suas origens no contexto dos manguezais do norte do Brasil, ‘maretório’ é um conceito em construção. Carlos Pinto ‘Carlinhos’, Célia das Neves, Ernesto de Almeida e José Alberto Ribeiro ‘Beto’ (CONFREM), em reunião da Comissão Nacional das Reservas Extrativistas Federais (CONAREX) realizada em 12 de junho de 2024, conceituam maretórios como “espaços socialmente constituídos que abrangem regiões de mar e adjacentes formadas por terra, em ecossistemas costeiros e marinhos, necessários à reprodução cultural, social e econômica,

ambiental e laboral dos povos e comunidades tradicionais, sejam eles utilizados de forma permanente ou temporária, orientados por uma relação de sazonalidades característicos das regiões com influência das marés”. Os debates promovidos pelo subprojeto demonstram a importância de se considerar, nessa construção, as especificidades da zona costeira da região sul, como suas micromarés, complexos lagunares e relações entre pesca artesanal e industrial.

Célia das Neves,
CONFREM



“No ano de 2008, no I Ciclo das Mulheres da Resex Marinha de São João da Ponta (ou Mocajuim), nós estávamos lá na comunidade de São Francisco,

fazendo uma pequena roda de conversa, nós éramos oito mulheres. A gente estava falando sobre soberania alimentar, políticas públicas, e vai abrindo a conversa.

E naquele momento, a gente estava exatamente falando qual é a melhor lenha para se moquear um peixe, para fazer uma comida saudável para uma mulher que está parida. E naquela conversa uma falava, outra falava. Sempre vinha: ‘Porque aqui a maré, a maré...’, e era tudo a maré, ‘Mas aqui no território, como é que fica isso do território?’ E aí uma senhoriinha que estava lá conosco: ‘Mas é terra ou é mar? Porque fala maré, maré, maré e depois fala território...’ E a gente se olhou, uma para outra e ali, todo mundo junto: ‘Então é **maretório**!’. Isso foi assim que nasceu para nós.

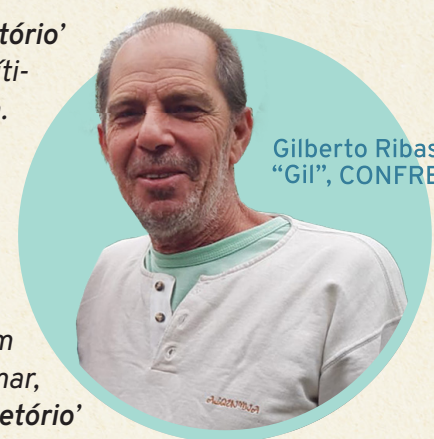
Maretório, para nós, é todo esse conjunto de vivências a partir da nossa ancestralidade. Que vai trazendo também toda essa importância do que é você usar e conservar para as futuras e presentes gerações. Como é que você compreende todo esse zelo? E os direitos da sociobiodiversidade e dos direitos humanos? Como é que você faz o enfrentamento? Como é que a gente pensa as políticas públicas para se adequarem com o nosso tempo? A que horas abre a escola, a prefeitura, o posto de saúde, o correio, o mercado? Mas e a maré? Ela vaza todo o dia às sete horas da manhã? Não.

O **maretório** nos possibilita essa oportunidade de dialogar, de resistir, de existir, a partir mesmo desses princípios da nossa ancestralidade, principalmente reconhecendo as nossas culturas, as nossas embiaras, o ambiente, o sentimento que nós temos da comunicação com as águas, com as árvores, com os manguezais.” (Célia das Neves, CONFREM)

“A gente adotou o ‘**maretório**’ como uma palavra política, uma bandeira política. Porque a gente sempre defendeu nossos **maretórios**.

E também trabalhamos em terra. Se definem como ‘território’ quem trabalha na terra e no mar, por que não definir ‘**maretório**’ quem trabalha na terra e no mar? No meu pensamento, é uma palavra que diferencia dos territórios todos que existem, como uma identidade dos pescadores artesanais costeiros e marinhos.

O **maretório** é uma bandeira que a gente pode estar levantando e começar a acostumar as pessoas a usar e saber o que significa essa terminologia. Quem sabe a gente construa isso como uma força de luta aqui pro sul?” (Gilberto Ribas “Gil”, CONFREM)



Gilberto Ribas
“Gil”, CONFREM

MASSAMBIQUE (RS, SC)/ **PEGOAVA** (SP): Marisco coletado na beira da praia (*Donax hanleyanus*).

MEIA-MARÉ (PR, SP): “A maré dá de encher, depois dá meia-vazante e aí retorna para encher de novo.” (Cláudio Nunes)

PANEMA (PA): “Azar, má sorte, desafortunado. Eu vou pescar e não peguei nenhum peixe, ou eu fui caçar e não tinha nada. E aí a gente faz algumas **PUÇANGAS** para espantar a panema e atrair a **EMBIARA**.” (Célia das Neves).

PUÇANGA (PA): “Remédio, feitiço, cuidado. A puçanga pode ser uma defumação; um xarope para curar uma tosse; um banho de uma erva para se proteger, descarregar todas as energias negativas. É o conhecimento tradicional.” (Célia das Neves).

REPONTA DA MARÉ (PR, SP): “Quando a maré está para virar de enchente para vazante. **VIRAR DE LUA**, é que a gente se baseia pela lua quando está para virar.” (Cláudio Nunes)

TRIBUZANA (SC, PR, SP): “Tempo muito ruim, ameaçando trovoadas, não dá para pescar.” (Valter das Chagas) “Vento forte e chuva.” (Adnã das Dores “Didi”) “Tempestade ameaçadora.” (Jorge Cardoso)

UMA HISTÓRIA PUXA A OUTRA...

Pescadoras e pescadores, caiçaras e extrativistas, ao longo de sua história de resistência, vêm alcançando conquistas que se materializam em documentos de luta produzidos com seu protagonismo. Aqui listamos alguns deles, orgulhosamente compartilhados pelos integrantes deste subprojeto, como fonte de inspiração.



Protocolo de consulta aos pescadores e pescadoras artesanais e caiçaras de Guaraqueçaba (PR)

Protocolo de consulta dos nativos e nativas - Prainha de Encantadas - Ilha do Mel (PR)



Protocolo de consulta - Enseada da Baleia (SP) - Comunidade Tradicional Caiçara

Cartografia social do território tradicional da pesca artesanal da tainha no distrito do Campeche - Florianópolis (SC)



Nova cartografia social dos povos e comunidades tradicionais do Brasil - pescadores artesanais da Vila de Superaqui - Guaraqueçaba (PR)

Mapeamento do território pesqueiro tradicional caiçara da Ilha do Cardoso (SP)



Termo de compromisso entre ICMBio e comunidades da Baía dos Pinheiros para a pesca do cerco-fixo no Parque Nacional do Superaqui (PR)

Termo de compromisso entre ICMBio e Colônia Z-11, disciplinando a pesca artesanal no PARNA Lagoa do Peixe (SC)
+ Termo Aditivo



Registro da pesca artesanal da tainha no Campeche como patrimônio cultural de Santa Catarina

Dossiê de registro do fandango caiçara



Praia do Cardoso (SC)

PROJETO GEF MAR



GOVERNOS ESTADUAIS
DA COSTA DO BRASIL



MINISTÉRIO DO
MEIO AMBIENTE E
MUDANÇA DO CLIMA



COORDENAÇÃO



COLABORAÇÃO



Associação de
Pescadores das
Comunidades de
Ibiraquera e Garopaba

Associação de
Pescadores de
Garopaba do Sul

Associação dos
Pescadores Artesanais
do Cabo de Santa
Marta Grande



Colônia de
Pescadores Z-5
Pontal do Paraná (PR)

Colônia de
Pescadores Z-7
Torres (RS)

Colônia de
Pescadores Z-11
Tavares (RS)

